

ESPAÇOS DE DIÁLOGOS E INTERCRUZAMENTOS: POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS EM GOIÁS – EAD/FAV/UFG

Dra. Leda Maria de Barros Guimarães – FAV/UFG

Professora Propositora

Eixo: Formação e profissionalização docente

Painel

A licenciatura em Artes Visuais modalidade EaD é formada por diferentes atores que possuem a responsabilidade de articular construção de conhecimento e diferentes saberes conectados à nossa área de ensino. Seja no uso da caneta ou do teclado, questões de ordem conceitual tais qual “interdisciplinaridade”, “diversidade”, “avaliações qualitativas X quantitativas”, vão além das barreiras físicas que muitos acreditam ser o principal diferencial entre uma proposta de ensino na modalidade presencial ou na modalidade a distância. A proposta de articulação do curso em diferentes contextos, somada às possibilidades tecnológicas que esta modalidade nos permite, esta rearticulando os saberes presentes neste local e trazendo à tona vozes muitas vezes ausentes nos contextos que os contém. São essas experiências vivenciadas até o presente momento, buscamos nos deslocamentos de tempo e espaço, que a essência dessa proposta não se perca, mas que possa a cada ação propor reações transformadoras.

Palavras-chave: Artes Visuais, formação docente, contextos

Muitas perguntas, algumas respostas, sempre em processo

Sabemos que o ensino de artes visuais a distância não é uma novidade. No Brasil, temos um histórico que vai do Instituto Universal Brasileiro fundado em 1941 com profissionalizantes que ofereciam dentre outros, cursos de desenho técnico e artístico a tantas outras formas propagadas pela difusão da indústria cultural. Somos familiarizados com fascículos que ensinam a desenhar, pintar (paisagens, corpo humano, rosto, pés, mãos, animais, etc.), bem como os apelos ao “faça você mesmo” das revistas de artesanato. Se pensarmos bem, esta é uma grande indústria do ensino não formal de práticas artísticas no Brasil e no mundo.

No campo da educação formal o ensino a distância também já guarda uma longa tradição no que concerne a Educação de Jovens e Adultos (EJA), antes denominada Ensino Supletivo. Os telecursos, modo popular como essas iniciativas eram identificadas adotavam diversas mídias - impressa, televisiva, radiofônica - bem como sistemas de parcerias entre o Ministério da Educação, empresas de comunicação e o chamado Sistema S (Sesc, Sesi e Senai), no caso da formação profissionalizante.

Essas diversas experiências foram assimiladas sem grandes controvérsias provavelmente por seu caráter de excepcionalidade. No primeiro exemplo porque eram dirigidas a formação diletante (ou não-formal) e, no segundo caso, por voltarem-se a educação de adultos, a muito já marginalizados do sistema educacional. Porém, no momento em que avança para o campo do ensino regular, ganhando o status de educação superior, o ensino a distância trás várias inquietações. Perdendo o caráter excepcional, tais iniciativas apresentam-se não apenas como uma forma de educação alternativa, mas também equivalente ao modelo clássico de academia, posto que os diplomas que serão emitidos em ambos os sistemas terão a mesma validade legal. E,

indo mais além, instiga inclusive o tremor de que no futuro esta nova modalidade possa vir a substituir a escola tradicional.

A Faculdade de Artes Visuais oferece dois cursos de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância. Apesar das primeiras turmas terem iniciado no final de 2007 as sua dinâmica, estrutura física e virtual, equipe docente, operações, produção teórica e de materiais e muitos outros aspectos são pouco visíveis dentro da própria Faculdade bem como da própria UFG. Indagações tipo: Como se dá o ensino de artes visuais na modalidade a distância. Como se ensina as disciplinas práticas? Quem e quantos são os alunos “EAD”? Tem vestibular? Como se dá o processo de ensino? Nesse texto procuramos revelar aspectos da nossa experiência e promover a discussão desse processo na Faculdade Artes Visuais.

Começamos com 450 alunos matriculados em nove pólos (cidades) na Licenciatura do projeto UAB - Universidade Aberta do Brasil e 240 na Licenciatura do projeto Pró-Licenciatura. Produzimos material didático trazendo autores da nossa unidade e de outras Instituições de Ensino Superiores afinados com as questões atuais do campo da arte e da cultura. Além disso, procuramos integrar experiências realizadas no curso presencial com o curso a distância como é o caso das experiências de leitura e interpretação de imagens de alunos do sétimo período que foram publicadas no material para os alunos da Licenciatura na modalidade a distância. Estamos configuramos espaços virtuais e presenciais para a concretização dos fluxos de construção do conhecimento.

Nesses espaços a necessidade de diálogo e relação entre a tecnologia disponível, as diferentes disciplinas que fazem parte da grade curricular da Instituição, e, ainda, a relação entre docentes e discentes são crescentes. A possibilidade de experimentar procedimentos metodológicos que outrora permaneciam apenas no papel, tem sido um grande desafio aos personagens envolvidos em um emaranhado tecnológico, com estruturas virtuais, em espaços reais de comunicação. Se de um lado, articular tecnologias e pensar a modalidade de ensino a distância com referências de uma modalidade ensino presencial tem sido um dos nossos entraves, por outro o desafio de existir institucionalmente tem sido um entrave bem maior do que supúnhamos no início dessa “cruzada” invisível.

Elaboramos esse texto em forma das perguntas mais comuns que costumamos ouvir quando indagam sobre o como, o que, e o porque de estamos formando professores de artes visuais na modalidade a distância.

Como fica a relação aluno-professor nessa modalidade a distância?

No âmbito geral da educação a principal restrição normalmente mencionada é a crescente virtualização das relações humanas. Vemos, como se estivéssemos estado lá, Sócrates, sem livros ou qualquer outra mídia, disseminando seus pensamentos entre os discípulos da Escola de Atenas. Em seguida, lembramos de nossos alunos, que efetivamente vemos todos os dias enfileirados em suas carteiras, nos ouvindo, conversando entre si os mais variados assuntos ou desenvolvendo - vigiados por nós - suas atividades. Depois, imaginamos a malha etérea da internet, sem faces, só pontos de conexões em rede. Realmente, desde a afirmação de McLuhan de que “o meio é a mensagem”, tornou-se um discurso ingênuo afirmar que o conteúdo continua o mesmo tendo mudado apenas a forma como ele é transmitido. No entanto, persiste a questão sobre o que há de novo e de velho, de real e de fantasia nesses diversos temores.

A distância que nomeia a modalidade torna-se dia a dia apenas uma sigla. O contato entre alunos e professores no espaço virtual é talvez muito mais intenso e

contínuo do que aquele no qual vemos, ouvimos e interagimos (será?) na modalidade presencial. Essa questão pode ir sendo melhor entendida por meio das demais questões colocadas como estímulo para a compreensão dessa experiência.

Como ensinar a parte prática do curso de artes visuais?

Essa é uma pergunta que não só pessoas fora do processo fazem, como nós mesmos nos indagávamos como se daria essa aprendizagem. O aluno iria produzir? Essa produção teria qualidade? Não queríamos ceder aos argumentos de que a parte teórica ainda pode ser a distância, mas, a parte prática, ou como costumamos chamar, a de atelier, se torna impossível de ser trabalhada nessa nova modalidade. Os cursos de artes visuais na modalidade a distância teriam que ser reduzidos a estrita a uma verborragia virtual? Haveria espaço para “o fazer” tradicional do desenho, da pintura, escultura, etc.? Ou teria que mudar completamente a forma de fazer arte se apropriando de outras ferramentas? Como funcionará um atelier de artes visuais utilizando essas novas tecnologias e mídias? Será que temos que optar entre uma postura anacrônica de restaurar o tecnicismo dos manuais de pintura e desenho? Ou, por outro lado, a saída é apostar na supervalorização das mídias eletrônicas, condenando ao esquecimento as formas “tradicionais” de expressão?

No desenho curricular do nosso curso temos apenas um atelier de 90 horas para cada semestre: 1) Atelier Bidimensional; 2) Atelier Tridimensional; 3) Atelier de Gravura; 4) Atelier Interdisciplinar; 5) Atelier de Novas Mídias (fotografia e vídeo); 6) Atelier de Mídias digitais; 7) Atelier de Poéticas Contemporâneas e 8) Atelier de Estéticas Urbanas. A cada semestre é proposta a imersão do aluno numa disciplina de investigação e produção artística e estética. O atelier tem se configurado para os alunos num espaço onde o desejo inicial “de fazer arte “se cumpre, e essa satisfação leva a permanência no curso muitas vezes ameaçada pelas constantes dificuldades do processo de estudar nessa modalidade”. Outras dificuldades podem ser listadas para essa aprendizagem: a precária estruturação de ateliês nos pólos; a dificuldade de acesso a material especializado nas cidades pequenas (embora possam comprar pela internet a resistência é grande). Apesar das dificuldades o atelier é um dos espaços mais produtivos no nosso curso, por meio dele conseguimos propor atividades interdisciplinares com as outras disciplinas do semestre.

No histórico dos cursos de artes visuais da UFG o atelier foi se tornando espaço de elaboração de projetos nos qual um professor discute com seus alunos conceitos, primeiras idéias, desenvolvimento e depois o resultado do trabalho. Ou seja, as disciplinas de ateliê efetivamente funcionam como um “bate papo”, que, embora presencial, em quase nada diferem das formas www de conversa. Os alunos discutem com os professores os seus projetos, os quais não podem ser desenvolvidos coletivamente num mesmo espaço físico, como sugere o termo ateliê. O professor desenvolve suas orientações em torno de discussões teóricas, do levantamento de referências artísticas do passado e do presente, bem como a proposição de exercícios. A partir dessas discussões cada aluno desenvolve isoladamente seu trabalho, seja nos ateliês da Faculdade, quando não estão ocupados pelas aulas regulares, no laboratório de informática, nos corredores, nos banquinhos do jardim, em suas próprias casas ou simplesmente em suas cabeças, limite puramente conceitual da arte, muitas vezes difícil de ser rompido. Acontece o mesmo no atelier da modalidade virtual.

Como é a dinâmica da formação?

A dinâmica tanto para atelier quanto para as outras disciplinas funciona da seguinte maneira. Um professor é convidado a produzir o conteúdo que é impresso e também disponibilizado em formato PDF para o aluno no ambiente AVA. Esse autor (a) pode vir a ser o professor formador ou não, a exigência é que seja do quadro da UFG, de preferência da FAV garantindo assim o vínculo institucional não só com a UFG mas também com a filosofia da proposta de formação de professores proposto no Projeto Pedagógico do Curso. O professor formador irá coordenar a oferta da disciplina e terá sob sua supervisão professores-orientadores na relação um por disciplina para cada pólo. O formador desenvolve uma espécie de formação continuada os professores orientadores sob sua responsabilidade, marcando encontros semanais para estudos e discussão do conteúdo, para planejamento de atividades e discussão da qualidade de mediação do orientador com os alunos nas salas virtuais do AVA. O professor-orientador não precisa ter vínculos com a IES, ele ou ela recebem uma bolsa para atuarem durante aquele determinado período em que durar a disciplina. É este bolsista que de fato entra em contato com os alunos, que dialoga com eles on-line e que viaja para os pólos por ocasião dos encontros presenciais que acontecem três vezes por semestre. Embora o formador não interaja diretamente com os alunos, tem que responder pela qualidade de como o conteúdo está sendo discutido e trabalhado na forma virtual e presencial.

Quem são os professores?

A condição docente nos projetos nos cursos de ensino superior na modalidade a distância é híbrida e sujeita a interpretações e usos do modelo tutorial padronizado pelo MEC. Temos três tipos de atuação docente: o professor formador, que dependendo da titulação e tempo mínimo de 3 anos de experiência no ensino superior vai se enquadrar como pesquisador I ou 2. No projeto UAB a exigência é que este profissional tenha vínculo com a universidade, pode ser professor efetivo ou substituto. É ele que responde oficialmente pela disciplina, no entanto, na UFG, este não entra em contato direto com os alunos. Esta função é a do tutor a distância, que aqui na UFG optamos por denominá-lo como professor orientador.

Nossa equipe de formadores tem se constituído basicamente de professores da FAV e em poucos casos das Ciências Sociais e da Faculdade de Educação. Já os professores orientadores têm várias origens. Muitos são egressos dos nossos cursos de Licenciatura e Bacharelado (incluindo os Designs). Outros vêm da Pedagogia, da História, Arquitetura, Ciências Sociais, História. Tem sido significativa a presença de nossos mestrandos em Cultura Visual. O que temos percebido é que nossa Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância tem oportunizado a experiência docente numa graduação em artes visuais – sem passar por concurso público ou mesmo sem a titulação de especialista, mestre ou doutor exigida para o ingresso em uma IES. Entretanto é importante alertar que não existe vínculos profissionais com a instituição. Esses professores vinculam-se ao projeto e recebem uma bolsa (não é salário) via FNDE/MEC. São selecionados mediante editais (quando necessário repor quadros) e passam por uma avaliação de repertório e no caso de atelier, pela apresentação de portfólio.

Compreendemos que além dos alunos estamos também “formando em processo” profissionais para a docência no ensino superior. Também temos exemplos de professores orientadores já com bastante experiência por virem da rede pública de

educação e que passam por uma ressignificação da sua prática ao lidar com questões de arte e cultura para as quais não foram formados, uma vez que como sabemos, toda formação é historicamente datada. Temos uma característica de mobilidade interna, autores que são também formadores e até mesmo tutores como foi o caso de Keith Richard que escreveu o conteúdo do Atelier Tridimensional em parceria com a professora Eliane Chaud e que em 2008 como era professor substituto da FAV atendia também a condição para ser professor formador. Por uma contingência acabou também assumindo como professor orientador a disciplina de gravura no pólo de Aparecida de Goiânia. Em 2008 a professora Manoela foi formadora da disciplina Atelier Bidimensional escrita pela professora Eliane Chaud e em 2009 assume como formadora a disciplina Atelier de Gravura de sua autoria. O professor Miguel Lambrizzi foi formador nas disciplinas Teorias da Arte e da Cultura na época em que estava como professor substituto no CEPAE-UFG, em 2009 integra a equipe de orientadores de gravura. Já a equipe de professores-orientadores é a mais constante. A maior parte dos bolsistas têm permanecido atuante ao longo desses três semestres. Um dado curioso é que alguns professores orientadores vêm do mestrado (Mário Mendes, Keith Richard, Lorena Abdala, Sejana de Pina Jayme, Douglas da Silva) ou tornaram-se mestrados (Pablo Petit, Gabriel Lyra e Alexandre Guimarães). Muitos que estão atuando pretendem já tentaram e/ou ainda vão tentar o mestrado em Cultura Visual. Além desses atores existe também um tutor de pólo que cumpre uma função mais técnica acadêmica por não ser formado na área. Tem uma função muito importante de articular a vida acadêmica no pólo: atende aos alunos no laboratório de informática, socorre-os nas angústias com a tecnologia, envia documentos, media as relações entre os alunos e a coordenação do curso em Goiânia. No início do primeiro semestre de 2009 a professora Manoela Afonso realizou um workshop sobre impressão para esses tutores. A iniciativa foi louvada por todos, pois apesar de não terem a formação em artes visuais, estes precisam compreender o processo. Assim foi explicado as técnicas de gravura, o uso do rolo e das goivas, a especificidade da tinta serigráfica, os cuidados com a prensa, etc. Esse workshop repercutiu de maneira positiva nos tutores pois ajudou a criar um sentimento de pertença entendendo um pouco melhor do curso. Muitas vezes estes se sentem na periferia dos acontecimentos por não “dominarem” os conteúdos.

O que vêm a ser um pólo?

Consideramos o pólo um espaço deslocado tanto físico quanto simbólico pois move a universidade que conhecemos para outras instâncias nas quais atores e situações não previstas na concepção tradicional passam a fazer parte do cotidiano acadêmico. Nos municípios onde os cursos são oferecidos na modalidade a distância existe um espaço físico chamado de pólo que deveriam ser equipados com ateliês, laboratórios de informática e bibliotecas/vidéotecas. Infelizmente nem tudo é como previsto nos projetos. Os gestores conseguem compreender a importância de um laboratório com computadores para a oferta de cursos a distância, mas dificilmente compreendem a necessidade de montarem salas de ateliê equipadas com mesas, bancadas, armários, pontos de água, etc.; para o desenvolvimento da aprendizagem, das experimentações das chamadas práticas artísticas. Temos exceções: os pólos de Aparecida de Goiânia e de Uruana montaram espaços que atendem em parte as aulas que envolvem processos de criação artística, no entanto esta última cidade usa este espaço para oferecer aulas regulares para a educação básica impossibilitando que os alunos da nossa graduação utilizem o atelier para desenvolverem seus trabalhos. Isso

impede que trabalhos em andamento sejam deixados na sala, que materiais sejam guardados e demais especificidades de um espaço de aprendizagem dessa natureza.

Como é o Ambiente Virtual de Aprendizagem?

O AVA é o nossa Faculdade de Artes Visuais num espaço desmaterializado. Saindo do ambiente concreto do espaço físico vamos adentrar no espaço virtual que nos abriga. É no AVA que se dá a maior parte da relação professores/estudantes nos cursos na modalidade a distância. Este ambiente é construído por uma equipe da FAV em parceria com equipe do CIAR. Existe dentro do espaço virtual e utiliza ferramentas moodle de uso livre. O aluno faz o login na página do site da fav <http://www.fav.ufg.br/> já interagindo com acontecimentos, cursos, etc.

O ambiente é organizado por pólos e semestralmente necessita ser customizado graficamente de acordo com as disciplinas a serem ofertadas no período. Para cada disciplina existe uma sala virtual na qual são disponibilizados os conteúdos, textos, atividades e são promovidos fóruns de discussão, chats, etc. O conteúdo é dividido em unidades e cada uma dessas tem atividades a serem realizadas pelos alunos com prazo fixo de postagem. Essas atividades são de naturezas diversas, podem ser pesquisas de imagens, pesquisa de campo, construção de textos e no caso dos ateliês o desenvolvimento de elaboração de trabalhos artísticos que demandam diversos tipos de operações técnicas, de leitura, apreciação, pesquisa de materiais, etc.

Vejamos alguns diálogos no AVA:

Entalhe ? -> ENTALHE -> Re: ENTALHE

por [REDACTED] - segunda, 8 dezembro 2008, 17:22

excelente comentário [REDACTED]. A resistência do material é uma questão fundamental no trabalho de entalhe, ela pode nos seduzir ou afastar. podemos pensar numa classificação mais geral para os materiais. “É a matéria que condiciona todas as técnicas”

As etapas do trabalho são discutidas progressivamente pelo orientador, os estudantes colocam suas dúvidas nos fóruns e o diálogo vai acontecendo até o resultado final. As reclamações são as mesmas dos alunos do presencial, os alunos discutem da dificuldade das propostas, do preço dos materiais, perguntam se a UFG não fornece, e outras coisas. No entanto podemos acompanhar também o encantamento das descobertas, daqueles alunos que vão vencendo as dificuldades e produzindo e começam a perceber a possibilidade de ir além daqueles exercícios propostos. Em 2008 solicitamos a equipe do CIAR II a criação de uma galeria virtual como ferramenta moodle a ser usada como espaço pedagógico.

Como se avalia o processo de aprendizagem?

As formas de avaliação nos cursos de graduação são bem próximas do presencial: entrega de atividades (produção de texto; pesquisa de imagens, questionários, levantamento de dados por meio de pesquisa de campo ou na internet e as provas com questões objetivas e subjetivas. O que estamos usando que difere são os fóruns e os chats que valem pontos para o aluno. Por exigência do MEC deve existir pelo menos uma avaliação presencial nos pólos. Começamos essa avaliação na forma impressa e hoje estamos realizando no formato on-line (html) com códigos de acesso restritos ao tutor de pólo cumprindo assim a exigência do MEC que o aluno tenha que se dirigir ao pólo e fazer a prova presencialmente no local. Percebo essa exigência como mais uma “adaptação” do modelo presencial que não se coaduna com a tão propalada autonomia do aluno na modalidade a distância.

De 2007 para cá temos experienciado este ensino a distância e temos visto o conceito de distância ser diluído. Podemos dizer que o medo do empobrecimento da relação direta entre professor e aluno não acontece. Dá-se de outras formas e a relação é contínua e intensa. Pode-se supor que estes novos alunos futuros professores de artes visuais estarão muito mais preparados para desfrutar dos enriquecimentos que estas tecnologias podem trazer a educação por terem vivenciado o processo de ensino aprendizagem via essa modalidade. Diante disso porque não pensar a democratização que tal modelo de ensino pode fomentar?

Envio arquivo JPG ATIVID-7

por [REDACTED] - quinta, 7 agosto 2008, 13:44

Nilva, então, observe que o fundo também é parte da sua composição, veja a diferença formal como vc fez os objetos (sutileza das pinceladas, luz e sombra bem definido, etc.) do fundo. Criou uma grande disparidade, como se não fosse a mesma pessoa q fez. A mesma destreza que vc utilizou p/ os objetos deveriam ter sido tmbm p/ o fundo, ok. (nota 4).

Vemos na orientação acima um professor que se interessa pela produção do aluno, observa, comenta, sugere, indica. É uma mediação cheia de ações pró-ativas onde ocorrem cruzamentos entre o erudito e o popular, a tradições e o experimentalismo, o cult e pop, o autoral e o coletivo, entre tantas outras hoje insustentáveis oposições. Por outro lado, numa “nova” concepção de universidade, a questão que se coloca é porque não potencializar nossos diálogos e resolver pela rede www o que ela faz bem melhor pela internet: múltiplos contatos, acessos wikipédicos à informações, tete-a tete virtuais e tantas outras coisas. Sabemos que nossos alunos e filhos aprendem muito mais longe de nós e que por isso mesmo, nós, tutores da tradição (tão imprescindível) e da mudança (tão imprescindível) somos e continuamos necessários em qualquer modalidade de aprendizagem. Os recentes projetos de educação a distância têm representado um processo e uma promessa de inclusão cultural, jamais vista. É surpreendente ver que apesar das nossas reclamações de sempre sobre falta de investimento na educação, terem seus fundamentos, exigem em contrapartida nosso investimento na ousadia, na busca de alternativa.

Não podemos fechar os olhos a mudança de concepção de oferta de ensino superior quando vemos as principais universidades brasileiras chegando aos municípios mais remotos. Nesse caso o meio é novamente a mensagem, pois sintetiza um novo padrão de disseminação artística e cultural. Resgatando os termos de Umberto Eco, diante dessas questões não adianta apenas nos posicionarmos a favor (integrados) ou contra (apocalípticos) a presença das novas mídias no cotidiano ou na educação. Sendo parte da realidade contemporânea, tal como na escola tradicional, nesse novo ambiente também o desafio da educação é construir esse novo projeto com a sempre necessária consciência crítica de que nem tudo que cai na rede é peixe.

Bibliografia

- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte:C/Arte, 1998.
- BELINTANE, Claudemir. **Por uma ambiência de formação contínua de professores**. Cadernos de Pesquisa. no.117 São Paulo Nov. 2002
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte:Ed. UFMG, 2001.
- CANDAUI, Vera Maria (org.) **Reinventar a Escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo:EDUSP, 1998.
- GUIMARÃES, Leda. **Prática Pedagógica na Inter relação Arte Cultura e Comunidade**. Anais XVII Confab. Crato-Ce. 2008.

GUIMARÃES, Leda e LOSADA, Teresinha. Novos e velhos tremores: o ensino de artes visuais na modalidade EAD. In. MARTINS, Raimundo (org.) **Visualidades e Educação**.-Goiânia: FUNAPE, 2008. (Coleção desenrêdos, 3)

MC LUHAN, M., Os **meios de comunicação como extensão do homem**, São Paulo: Cultrix, ... Essencial **McLuhan**, Ed. Basic Books, 1995.

Tese de Doutorado

CUNHA, Fernanda Pereira da. **Inclusão Digital Tecnoética na E-Arte/Educação**. Tese de doutorado. ECA-USP. São Paulo. 2008.

Leda Guimarães é professora da Universidade Federal de Goiás. É professora do Mestrado em Cultura Visual, coordenadora de Estágio da Licenciatura em Artes Visuais. Coordena o curso de Licenciatura em Artes Visuais em EaD pelo programa da Universidade Aberta do Brasil. É doutora em Artes pela ECA-USP e mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Tem livros publicados “Desenho, desígnio, desejo: sobre o ensino de desenho” (UFPi, 1996); “Objetos Populares da Cidade de Goiás” (Sebrae-Go/UFG, 2001) e “A natureza feminina do Cerrado” (2006, UFG). É membro da ANPAP, da FAEB e do InSEA.